

GERALD BRAY

TEU É O REINO

uma teologia sistemática
da Oração do Senhor

Shedd
publicações

Sumário

| | |
|---|-----|
| Prefácio | 7 |
| 1. Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome | 13 |
| 2. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu | 57 |
| 3. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia | 99 |
| 4. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores | 143 |
| 5. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal | 189 |
| 6. Porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém | 233 |
| Apêndice: As duas versões da Oração do Senhor | 236 |
| Notas | 237 |

Prefácio

A Oração do Senhor, o Pai Nosso, talvez seja a passagem mais conhecida da Bíblia. Mesmo em nosso mundo supostamente “pós-cristão”, ela é amplamente ensinada e aprendida, mesmo por pessoas que raramente freqüentam a igreja. Quem se lembra do funeral de Diana, princesa de Gales, em 6 de setembro de 1997, pode trazer à memória que se pediu aos dois milhões de pessoas enlutadas ao longo do percurso da procissão que guardassem silêncio absoluto em memória dela, e a seguir, que se unissem na recitação dessa prece — e quantas pessoas dentre a multidão eram capazes de fazê-lo sem hesitar. É verdade que as Escrituras em linguagem moderna, bem como novos estilos de culto, têm criado uma separação entre as gerações, na qual as pessoas de mais idade conhecem a fraseologia tradicional e os mais novos usam formas mais modernas. Entretanto, essa inconveniência é tamanha que a versão do século XVI, com a qual as pessoas estão mais acostumadas, permanece em uso, mesmo nos estilos litúrgicos mais modernos — algo raro que testemunha a influência dessa oração na cultura comum. Ela é usada até mesmo em contextos seculares, particularmente por lingüistas, que a escolheram como texto para a comparação das características da língua. Seu alcance e universalidade parecem torná-la adequada para isso, para o que também contribui sua relativa brevidade.

Essas palavras, como as conhecemos, devem ser usadas na forma de oração? No evangelho de Mateus, Jesus diz os seguidores para orarem “assim”, uma expressão um tanto ambígua, ainda que a passagem paralela de Marcos e de Lucas omita esse qualificativo (Mt 6.9; Lc 11.2). A dificuldade é que praticamente ninguém usou a versão mais curta de Lucas em oração! No entanto, perto do fim do primeiro século, os cristãos foram aconselhados a usar a versão de Mateus pelo menos três vezes ao dia (*Didaquê* 8.2), além de figurar quase em todas as fórmulas litúrgicas públicas. Na liturgia com Santa Comunhão do *Livro de oração comum* de 1662, essa oração era recitada no início da celebração (sem a doxologia) e outra vez quase no final com a adição da doxologia, possivelmente pelo fato de seu tom de louvor e ação de graças constituírem a conclusão apropriada para o ritual.

Em um livro recentemente publicado sobre oração, o falecido Huw Parri Owen dedica um capítulo todo à Oração do Senhor, considerada por ele, bem como por muitas outras pessoas que o antecederam, a “oração modelo” da igreja cristã.¹ Ela é indubitavelmente a oração cristã mais usada, mas a possibilidade de prover o modelo para outras orações é objeto de debates. Não existe outra oração litúrgica mais representativa disso, e os cristãos que oram de modo extemporâneo raramente a usam, caso o façam, como guia. Ela mantém a proeminência na consciência cristã, mas permanece única — não imitada e talvez inimitável. É difícil dizer até que ponto ela pode ser usada como padrão de nossas orações. É claro que suas cláusulas são perfeitas; no entanto, a maioria das pessoas gostaria de adicionar mais elementos às suas orações que suas poucas linhas, e outras formas de oração não podem ser consideradas apenas um desenvolvimento ou um refinamento da Oração do Senhor. Em resumo, apesar de seu conhecimento e uso na liturgia, ela não constitui a fonte de nossas outras orações e, caso a tradição litúrgica da igreja seja um guia, ninguém considerou essa possibilidade.

Falando de forma muito prática, a Oração do Senhor não é um modelo geral de oração. No entanto, não sendo esse seu propósito, qual seria ele? Pode ser surpreendente, mas existe pouquíssima reflexão mais detida sobre esse ponto. Existem muitos livros sobre o Sermão do Monte (contendo essa Oração), e eles obviamente lidam em certa medida com o assunto, mas os comentaristas tendem a se concentrar na simplicidade e na objetividade da abordagem de Jesus a respeito de Deus, e raramente se aventuram para além desse ponto. Trata-se seguramente de uma ênfase importante, mas, para a geração que desconhece os rituais elaborados do judaísmo do segundo templo, o impacto prático dessa análise é aparentemente fraco. Pregadores e mestres podem dizer às pessoas que elas devem ser agradecidas a Jesus pela simplificação de nossa aproximação de Deus, entretanto, quem nunca conheceu algo além disso pode ficar com a impressão de que o relacionamento com Deus é tão simples que requer pouquíssima reflexão. Quem frequenta cultos de adoração que se valem da liturgia moderna conhece bem o anúncio dessa mensagem, e pode parecer um tanto paradoxal que nos estilos contemporâneos de adoração, as palavras supostamente “simples” da Oração do Senhor sejam pouquíssimo usadas, talvez porque as pessoas pensem que elas soem formais ou legalistas!

Necessita-se de uma nova abordagem a respeito da Oração do Senhor para que ela reconquiste seu lugar em nossa liturgia que seu mérito intrínseco e a tradição universal da igreja sugerem. Há muitos anos descobri que pregar sobre a Oração, ou sobre partes dela, é um exercício recompensador, pois sua disseminação implica que mesmo as congregações com a pior qualidade de ensino poderiam seguir o curso e aprofundar seu entendimento espiritual sobre o assunto. Assim, quando surgiu o convite para eu proferir palestras no Moore College em Sydney (Austrália), em agosto de 2006, pediram-me que escolhesse um tema ao mesmo tempo bíblico, teológico e pastoral: de imediato a Oração do Senhor surgiu

em minha mente. Outro convite, da Latimer Fellowship, da Nova Zelândia, capacitou-me a aplicar idéias, originariamente concebidas para estudantes de teologia, a homens e mulheres engajados no trabalho paroquial — uma evolução do laboratório ao campo de testes para a validação das reflexões teológicas. A reflexão um pouco mais aprofundada e seu desenvolvimento dobraram o tamanho das primeiras palestras e acabaram se transformando no livro em suas mãos.

À medida que refleti mais profundamente a respeito da Oração do Senhor, convenci-me de sua forma essencial e embriônica de teologia sistemática. Essa teologia não é expressa por meio de silogismos e da linguagem filosóficas dos séculos posteriores; ela não se encontra nem mesmo sob a forma de um credo! No entanto, a estrutura da Oração e sua ordem seguem um padrão claramente identificável, principiando com Deus-Pai, Senhor e Criador dos céus e da terra, passando pelo reino de seu Filho Jesus Cristo na direção das bênçãos — a nutrição física e espiritual trazidas por ele — para concluir com a substância da vida cristã, a obra principal do Espírito Santo no nosso coração. A Oração não cobre todos os assuntos, mas é surpreendente quantos assuntos importantes são mencionados assim que se chega ao significado mais profundo do texto. Não é necessário “espiritualizar” ou alegorizar as palavras de Jesus para obtê-los; na maior parte do tempo, a reflexão lógica é suficiente para esclarecê-los, sendo necessário apenas conduzir as palavras à alma e deixá-las realizar o trabalho de transformação espiritual interior. Minha esperança e oração seguem no sentido de que meus pensamentos a respeito da Oração do Senhor guiem outras pessoas à reflexão mais profunda, para que juntos possamos redescobrir o tesouro existente nas palavras que se encontram nos lábios e no coração de todos os cristãos.

Resta-me agradecer à equipe e aos estudantes do Moore College pela oportunidade concedida de desenvolver meu pensamento a respeito da Oração do Senhor, e ao clero da Church of Aotearoa

[Igreja de Aotearoa], Nova Zelândia, em particular às dioceses de Christchurch, Dunedin e Waikato, que foram expostas ao conteúdo deste livro nos primeiros estágios, e cujo encorajamento foi muitíssimo valioso. Tenho um grande débito de gratidão para com a congregação da St. Paul's Church [Igreja de São Paulo], de Cambridge, e para a Builder's Class [Classe dos edificadores] da Highland Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Highland], de Birmingham, Alabama (EUA). E, em especial, à Faculdade e aos alunos do Beeson Divinity School [Seminário Teológico Beeson], da Universidade de Samford. Fui privilegiado por ter passado catorze anos felizes ali; suas orações e apoio tornaram possível este trabalho, e muito mais. A todos estes irmãos e irmãs no Senhor, dedico este livro, na esperança de que seja uma pequena contribuição por sua lealdade e testemunho contínuo sobre o poder da oração na vida cristã.

Gerald Bray

*Pai nosso, que estás nos céus!
Santificado seja o teu nome.
Venha o teu Reino;
seja feita a tua vontade,
assim na terra como no céu.
Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia.
Perdoa as nossas dívidas,
assim como perdoamos aos nossos devedores.
E não nos deixes cair em tentação,
mas livra-nos do mal,
porque teu é o Reino, o poder
e a glória para sempre. Amém.*

A Oração do Senhor talvez seja a porção bíblica mais conhecida. Ainda hoje ela é amplamente ensinada, mesmo por pessoas que pouco vão à igreja.

Além disso, essa oração é sem dúvida a mais usada na liturgia cristã; no entanto, o fato de constituir ou não um modelo para outras orações é objeto de debates. Caso sua utilidade não seja essa, com qual propósito ela nos foi ensinada? Por mais surpreendente que seja, existe pouquíssima reflexão sobre o assunto.

Por isso, Gerald Bray crê na necessidade de uma nova abordagem da Oração do Senhor para recolocá-la no seu devido lugar.

Gerald Bray é professor de Teologia da Beeson Divinity School, da Universidade de Samford, de Birmingham (Alabama, EUA). É o editor responsável pela *Série teologia cristã* da Editora Cultura Cristã, e é um teólogo respeitado internacionalmente, reconhecido pelo pensamento claro e pela lógica incisiva. Seus muitos livros incluem *Quem é Jesus* (Shedd Publicações) e *A doutrina de Deus* (Editora Cultura Cristã).

Shedd
publicações

LITERATURA
QUE EDIFICA

ISBN: 978-85-88315-86-0

